

Commodity e falta de insumos puxam inflação e desafiam BC

Copom intensificou a alta da taxa Selic para tentar frear o avanço da inflação

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO O aumento da taxa Selic ajuda, mas não deve controlar por si só a escalada da inflação no Brasil, avaliam economistas.

A taxa básica de juros mais alta é a arma do Banco Central para tentar conter o excesso de procura que pressiona os preços para cima, além de frear o câmbio. A questão é que, durante a pandemia, surgiram novos desafios no cenário, que fogem da alçada da autoridade monetária.

O avanço da inflação no país, em um cenário de desemprego em alta economia e retomada incipiente, reflete a combinação entre commodities mais caras e escassez de insumos, sem indicar ainda uma demanda aquecida por serviços.

Exemplos disso são a disputa internacional por commodities e a desarticulação de cadeias produtivas globais. Somados, os fatores tendem a reduzir estoques, elevando os valores de bens diversos.

Na quarta (4), o Copom (Comitê de Política Monetária do BC) aumentou a Selic em um ponto percentual, para 5,25% ao ano, a maior alta em 18 anos.

“Temos uma inflação de oferta, não de demanda, no país. O aumento nos juros não tem efeito para conter o efeito da quebra de safra, que impacta produtos agrícolas, por exemplo. Mas o que a autoridade

monetária quer é conter o espalhamento da inflação pelos serviços”, analisa o economista André Braz, do FGV Ibre.

“O movimento dos juros demora para bater na atividade econômica. Vai começar a valer em um horizonte de seis a nove meses após a decisão.”

Estudo produzido pelo Itaú Unibanco traça um perfil da inflação durante a pandemia. Segundo o levantamento, a alta de preços no mundo vem sendo puxada por commodities e gargalos de produção, que provocam escassez de insumos especialmente na indústria automobilística.

O Itaú sinaliza que, até o momento, a pressão nos preços causada pela reabertura da economia é sentida com mais força em países que saíram na frente no processo de vacinação. O destaque, nesse caso, fica com os Estados Unidos.

Para elaborar as conclusões, o banco fez uma decomposição das fontes de inflação em quatro grupos. São os seguintes: commodities, gargalos nas cadeias produtivas (veículos e eletroeletrônicos), reabertura de atividades (restaurantes, turismo e vestuário) e núcleo (itens diversos).

No acumulado de 12 meses até junho, a inflação das commodities brasileiras saltou 23,2%. Em seguida, veio o impacto dos gargalos de oferta. Nas atividades afetadas pela escassez de componentes, a os preços

subiram 9,2%. Enquanto isso, a alta de itens que dependem mais da reabertura das atividades foi menor, de 4%.

“Do lado da demanda, as famílias substituíram consumo de serviços presenciais, como refeições em restaurantes e viagens, pelo consumo de diversos bens, como alimentos, automóveis e itens para casa como móveis e eletroeletrônicos”, indica o estudo.

“Nesse ambiente, dado o choque inicial de fechamento das fábricas, o estoque de bens recuou fortemente e gargalos de oferta apareceram nas mais diversas indústrias (alta no custo de insumos, aumento do tempo para frete/entrega e escassez de peças são alguns dos exemplos). Somado a esse ponto, o preço de commodities também passou por forte correção”, completa o texto.

Na avaliação da economista do Itaú Unibanco Júlia Pas-

sabom, uma das responsáveis pelo estudo, os choques das matérias-primas e a desarticulação de cadeias produtivas tendem a ser temporários, mas provocam grande impacto nos preços porque atuam de maneira conjunta.

“A partir da segunda metade do ano passado, vimos uma aceleração da taxa de inflação. Vários componentes são temporários, mas estão juntos, e com uma persistência maior”.

O economista Fábio Austrauskas, professor do Insper e sócio-diretor da Siegen Consultoria, concorda com a leitura de que a inflação mais alta reflete a valorização das commodities e os desequilíbrios produtivos até o momento.

Para ele, o choque nos preços tende a ser mais longo do que o previsto e deve se estender até meados de 2022.

“O BC tem consciência do processo inflacionário, mas não tem todas as ferramentas para controlá-lo agora”, diz.

Austrauskas lembra que a trégua da inflação também depende de melhores condições climáticas. A falta de chuvas, por exemplo, já encareceu a geração de energia elétrica e afetou plantações. A produção de alimentos, aliás, voltou a ser prejudicada no mês de julho, com geadas no centro-sul do país.

Além disso, diz, ruídos políti-

cos e incertezas fiscais adicionam dúvidas no cenário, o que pode pressionar o câmbio e, consequentemente, a inflação.

“A pressão nos preços deve seguir pelo menos até a meta de do ano que vem”, comenta.

Passabom, do Itaú, também frisa que, além da Selic mais alta, a trégua da inflação depende da melhora climática e da normalização das cadeias produtivas globais. O Itaú Unibanco revisou sua projeção para o IPCA no acumulado de 2021, de 6,1% para 6,9%.

Ou seja, o indicador tende a fechar o ano acima do teto da meta de inflação perseguida pelo BC. O teto é de 5,25% em 2021. O centro é de 3,75%.

Ao divulgar o IPCA de junho, o IBGE sinalizou que a inflação ainda não mostrava reflexos da demanda aquecida.

“Quando a gente fala de demanda, geralmente olha para inflação de serviços, que ainda está abaixo do índice geral. Não dá para afirmar categoricamente que temos uma inflação de demanda. É óbvio que a retomada da economia e a melhora no contexto da pandemia podem influenciar [nos próximos meses]”, relatou na ocasião André Filipe Guedes Almeida, analista da pesquisa do IBGE.

Vinicius Torres Freire
O colunista está em férias

8,35%

é a alta da inflação no acumulado dos 12 meses até junho, segundo o IBGE

23,2%

é a alta das commodities no período, segundo o Itaú

9,2%

é quando subiram os preços em atividades afetadas pela escassez de componentes

4%

é a alta de produtos que dependem da reabertura

LEILÕES DO TRT 2

Hasta Pública

546^a | 24 de agosto
das 10h às 18h

Hasta Pública

547^a | 26 de agosto
das 10h às 18h

236 lotes
Imóveis, Veículos,
Máquinas, Equipamentos.

CUNHA Leilões Online (11) 5586-3000 | www.cunhaleiloeiro.com.br

Não existe planeta B.
Cuide do planeta A.

ambipar.com

★ **COLEÇÃO FOLHA**

★ **GRANDES BIOGRAFIAS PARA CRIANÇAS**

FOLHA100
★★★

JÁ NAS BANCAS

PRÓXIMO DOMINGO

APENAS R\$ **19,90** CADA LIVRO

De garoto curioso a grande cientista. Isaac Newton mudou o mundo observando uma maçã e vai incentivar a curiosidade do seu filho com sua história.

Ao observar uma maçã cair de uma árvore, um jovem cientista passou a se perguntar por que as coisas caíam. Uma curiosidade de garoto que se transformou em uma das maiores descobertas da ciência: a força da gravidade. O 13º volume da **Coleção Folha Grandes Biografias para Crianças** apresenta Isaac Newton, um dos cientistas mais importantes da história.

Assinante

Peça já sua coleção completa, ganhe 4 livros, o frete e ainda pague em até 10x no cartão.*

Ligue **11 3224 3090** (Grande São Paulo) ou **0800 775 8080** (outras localidades)

folha.com/biografiasparacrianças

*PREÇO E FRETE VÁLIDOS PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PR. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTE FOLHA.COM/BIOGRAFIASPARACRIANÇAS. CONFIRA AS DATAS DE ENTREGA NO SITE. CONDIÇÃO DE PARCELAMENTO VÁLIDA NO CARTÃO DE CREDITO. IMAGENS MERAMENTE ILUSTRATIVAS.